

## **A memória em Silviano Santiago: Uma perspectiva outra de Menino sem pasado**

**Lara Nycole Ojeda de Souza**  
**Universidade Federal de Mato Grosso do Sul**  
**Brasil**

Ao escrever, penso que sinto hoje o que, adivinho, teria sentido ontem. (Santiago, p. 88.)

Aliás, não é demais lembrar que lugares fronteiriços também produzem memórias outras e cuja epistemologia *fronteriza* para compreendê-las advém de seu próprio lócus *ex-cêntrico*. (Nolasco, p. 81.)

O presente trabalho se trata de um percurso teórico em que trabalhamos a favor de ir além do conceito de memória em Jacques Derrida pelo crivo teórico da Crítica biográfica fronteiriça (Nolasco, 2015), sendo a localidade e vida (*biolócus*), para desembocar em uma memória *outra*. Nesse sentido, ao realizarmos a leitura do romance *Menino sem pasado: 1936-1948* (2021), de Silviano Santiago, temos a articulação da memória fundada pelo filósofo moderno no livro *Mal de arquivo: uma impressão freudiana* (Derrida, 2001). Assim, ao compreender que a noção de memória em Derrida está concomitante com o tempo, Santiago projeta, então, as suas vivências em Formiga para um plano textual em que suas memórias existirão futuramente. Dessa forma, ilustramos o proposto com a seguinte passagem: “Envolve a história do conceito, articula o desejo ou o mal de arquivo, sua abertura para o futuro, sua dependência em relação ao que está por vir, em suma, tudo o que liga o saber e a memória à promessa.” (Derrida, 2001, 45)

No sentido de fundamentar o proposto neste artigo, a leitura do romance de Santiago estará ancorada na Crítica biográfica fronteiriça (Nolasco, 2015), dando uma razão *outra* nas memórias expostas pelo autor. Nesse intento, utilizamos da concepção citada ao lado da perspectiva derridiana com o objetivo de avançar o já cristalizado pelo filósofo ao longo do tempo para, assim, realizarmos uma leitura *outra* acerca das memórias. Sendo assim, temos a crítica biográfica fronteiriça para estabelecer a possibilidade de ir além das teorizações da modernidade/colonialidade, ao que compreendemos que a localidade e vida,

o *biolocus*, são cruciais para pensar as memórias do livro *Menino sem passado* como explica o intelectual Edgar César Nolasco na passagem:

Trata-se do que passo a denominar de (*bios*=vida + *locus*=lugar) *biolocus*. [...] Assim, a partir do *bios* e do *locus* das vidas encenadas na fronteira, a partir do momento em que “as vidas na fronteira” são concebidas e experimentadas por meio de uma perspectiva outra, assim como as culturas nativas do povo desse *biolocus*, erige-se uma crítica outra e propõe uma “epistemologia fronteriza”. (Nolasco, 59)

Nessa conjuntura, entendemos que o *biolocus* estabelece uma relação que entrelaça a elaboração de uma memória, como ocorre na narrativa do romance mineiro. Então, pela premissa da Crítica biográfica fronteiriça (Nolasco, 2015), notamos que há marcas estabelecidas pelas condições do sujeito que se encontra na fronteira, à margem, de maneira geográfica e intelectual, ou seja, geoistórica. Assim, a localidade e vivência inscritas pela região fronteiriça estabelecem uma aproximação que transpassam pesquisador e pesquisa de forma que “permite a inserção e a delimitação de meu *locus* como condição sine qua non para as reflexões críticas que proponho” (Nolasco, 2015, 59)

Em retomada, temos o conceito de Derrida que dá base para este artigo, sendo o ponto inicial para culminar em uma perspectiva *outra* objetivada por nós. Então, a memória se trata de uma concepção que está na mesma faceta do que envolve a temporalidade, sendo assim, concomitantes entre si. Dessa maneira, entendemos que a memória está voltada para o futuro, para a promessa do que ainda acontecerá, o filósofo discorre essa assertiva no trecho: “Trata-se do futuro, a própria questão do futuro, a questão de uma resposta, de uma promessa e de uma responsabilidade para amanhã.” (Derrida, 2001, 50).

Da mesma maneira, pela noção conceitual acerca da memória se relacionar com uma projeção do que ainda será elaborado, por esse motivo, compreende-se que a narrativa de Santiago convoca a percepção derridiana já em seu título ao incorporar um *Menino sem passado*, ou seja, suas memórias que ainda estão por serem realizadas, articuladas pelo uso de metáforas e experiências enquanto esteve na Europa, como na passagem seguinte do romance:

Estrila e me desperta da vida sonâmbula, a que me incita o som silencioso tanto dos tiros que saem em disparada das metralhadoras contra os soldados nazistas camuflados, como das bombas que são atiradas do bombardeiro aliado contra o alvo inimigo. (Santiago, 19)

Desse modo, a condição para o exercício de uma memória resvala em configurar o conceito de Derrida atravessado pelas vivências gravadas pelas experiências e localidade, assim, pelo *biolócus*. Nesse caso, Silviano estabelece a perspectiva derridiana pela metáfora, como no excerto a seguir: “Espécie de cárcere privado, nosso quarto de dormir preserva a Sofia da curiosidade doentia dos familiares e da clientela fofoqueira.” (Santiago, 2021, 15).

Nessa conjectura, ao mesmo tempo que o autor trabalha a memória, também podemos notar que o mineiro dá abertura para que realizemos uma leitura por via da crítica biográfica fronteira ao considerarmos o *biolócus* expresso em seu texto. Desse modo, ao iniciar o seu romance revisitando sua memória pelo lugar que morou na infância, compreendemos que Silviano localiza de onde pensa intelectualmente e, por conta disso, esbarramos em uma narrativa que está *partir de* suas histórias locais, marcadas pelas vivências na região do interior mineiro, acerca disso citamos o trecho a seguir:

Nos anos em que as tropas aliadas combatem as forças nazi -fascistas no mundo e os indignados cidadãos e cidadãs brasileiros sabotam a ditadura Vargas, moro na casa mandada construir por meu pai - ou pelo vovô Amarante - no número 31 da rua Barão de Pium-i, em Formiga, na região oeste do estado de Minas Gerais. (Santiago, 13)

Nesse mote, as projeções de Santiago estão sendo articuladas pelas memórias de vivências que ainda surgirão no presente e, por tal motivo, o autor assume esta prática no trecho: “Tenho de me cuidar para não lhes dar respostas esclarecedoras e falsas” (Santiago, 2021, 15). Assim, o mineiro elabora seu volume memorialístico a partir do conceito de Derrida para construir uma vivência que está no crivo de novas projeções, da promessa de memórias que estão por surgir.

Ao considerar essa discussão, seguimos para a segunda parte deste trajeto teórico no âmbito de compreender a memória e suas práticas em textos acadêmicos. Por isso, realizamos a leitura da obra de 2004 feita por Eneida Maria de Souza intitulada como *Pedro Nava, o risco da memória* em que a escritora resgata as memórias do também memorialista Pedro Nava quanto a um arquivo a partir do qual suas vivências podem ser mantidas guardadas, como é expresso na passagem “A carta-testamento, lacrada até a sua morte, atua igualmente como um objeto dotado de valor de troca e destinado e se manter em segredo até o momento de ser lida” (Souza, 2004, 14).

Em contraponto ao seu conterrâneo, Santiago não apresenta a intenção de guardar suas memórias. Dessa maneira, o romancista articula a sua memória pela falta de uma herança, sem que haja a possibilidade de um arquivamento e, por isso, preenche as lacunas de suas vivências do passado pela metaforização, dessa forma, o autor vai a favor do exercício da memória derridiana. Por esse sentido, Silviano permanece em constante invenção no que tange a sua memória entre os anos de 1936 e 1948 e, por consequência, se cria outras marcas de suas histórias locais e, por extensão, do *biolocus*, para ilustrar trazemos à voga o seguinte trecho:

Se durante quase um ano Graciliano sofre na carne a prisão no Estado Novo, eu, durante a ditadura militar de 1964, vivencio por alguns anos mais as agruras de escrever como se fosse a minha experiência de vida alheia, de a imitar e assumir como se fosse uma forma de prisão real para o exercício da minha imaginação criadora. (Santiago, 35)

Nessa seara, por compreendermos que a memória para Derrida estabelece uma relação concomitante ao tempo, pela nossa leitura podemos notar que tal concepção está presente nos escritos memorialísticos dos mineiros. Nesse aspecto, notamos que no texto de Souza o conceito derridiano se estrutura em manter as memórias como um arquivo podendo serem consultadas em um tempo futuro. Assim, essas projeções das memórias de Nava e de Santiago “são capazes de recompor as peças perdidas de um puzzle da memória, tendo como princípio os vazios” (Souza, 2004, 33), citamos Eneida para ilustrar a discussão proposta, bem como estabelecer essa aproximação entre os autores:

As memórias terão esse perfil de um Brasil cordial e amigo, em que as histórias de família, da geração modernista e universitária de Belo Horizonte, da classe médica do Rio de Janeiro, são narradas em estilo majestoso e mitificado, o que comprova a liberdade do memorialista em ficcionalizar o passado. (Souza, 32)

No que tange ao exercício da memória, realizamos uma leitura que traz a tônica da discussão em torno da obra *Pedro Nava, o risco da memória* e *Menino sem passado* ao estabelecermos uma proximidade entre ambos os escritores. Dessa maneira, podemos considerar que o uso de metáforas e ficcionalização de experiências advindas de localidade e vida surgem de forma confluyente nos romances, como parte do artifício de projetar as memórias para o que ainda irá surgir, do que está por vir. Então, justificamos esse relacionamento, em nossa perspectiva, entre os mineiros pelo fragmento:

Essa aproximação que se alimenta tanto de coincidências ideológicas entre os autores quanto de experiências biográficas comuns - ou diferentes - se pauta por uma liberdade criativa e pela construção de pontes metafóricas entre a ficção e a realidade. (Souza, 34)

Desse modo, por estarmos amparados pela Crítica biográfica fronteiriça, percebemos que as vivências não podem ser ensaiadas pela metáfora. Nesse intento, a teorização surge de forma que o *biolocus* ganhe destaque ao lado das histórias locais, haja vista que a prática da memória também está no campo de surgir a *partir de* regiões fronteiriças, sobretudo pela maneira geográfica e intelectual. Portanto, optar pela concepção de cunho crítico biográfico fronteiriço “permite a inserção e a delimitação de meu locus como condição sine qua non para as reflexões críticas” (Nolasco, 2015, 59) aqui propostas, para ilustrar essa proposição citamos Edgar Cézar Nolasco:

as histórias locais fronteiriças, incluindo aí o sujeito e as produções culturais desse indivíduo, como consequência natural do biolocus, só podem ser alcançadas por meio de uma reflexão crítica assentada em uma epistemologia fronteiriça, cuja proposta, ou opção descolonial, reside para além de quaisquer binarismos. (Nolasco, 60)

Isso posto, com a premissa da crítica biográfica fronteiriça, atrelada aos estudos descoloniais, ambas as perspectivas surgem como via teórica que vai além das propostas pela modernidade/colonialidade. Em favor disso, compreendemos que as concepções pós-coloniais são pontos de partida para culminar em uma epistemologia *outra*, contudo, essa concepção foi “herdada pelas bordas do grande centro moderno de repetir à exaustão uma lição teórica” (Nolasco, 2015, 60) que não inclui as vidas e localidades nas borda geoistórica da América Latina. Desse modo, um pensamento *outro* vem como escolha optada pelo crítico fronteiriço com a possibilidade de retratar as pluriversalidades, sendo os saberes, produções e histórias locais do *biolocus* que estão na condição de fronteira que, no caso dessa explanação teórica, está situada na tríade Brasil/Paraguai/Bolívia. Para tal explicação ilustramos com a seguinte passagem:

Com isso, estou afirmando, entre outras abordagens não menos comprováveis, que não basta mais, enquanto crítico, nos aproximar de teorias e de conceitos que traduzam mais de perto a problemática epistemológica de um lugar de enunciação específico como, por exemplo, a fronteira-Sul de onde erijo minha discussão. Também é necessário que se atente para as marcas do *locus* e do *bios* que vêm incrustadas tanto nos *corpora* das produções culturais, quanto nas formulações conceituais emanadas dessas produções por meio de uma produção de conhecimento *outro*. (Nolasco, 61)

Por esse intento, por intermédio de uma leitura *outra* atravessada pelo romance mineiro, conclamamos uma enunciação que compõem os registros do lugar fronteiriço. Em favor dessa discussão, temos a perspectiva exposta em *Escrevivências em Silviano Santiago: exercícios de crítica biográfica fronteiriça* (2023), escrito por Pedro Henrique Alves de Medeiros, em que é possível depreender que estamos no crivo de pensar a *partir das* memórias expressas em *Menino sem passado*, assim, citamos o intelectual no trecho:

O biógrafo, e aqui neste caso, eu enquanto crítico-biográfico fronteiriço, escrevo a partir das minhas sensibilidades, da minha escrevivência, das minhas me-

mórias sul-fronteiriças e homo-biográficas faltosas incompletas e falhas. (Medeiros, 95)

Nessa seara, ao optarmos por uma noção *outra*, afastamos-nos de uma memória estabelecida pelos centros hegemônicos e a imposição de um projeto narrativo universalizante. À luz dos estudos descoloniais, trazemos em nossa leitura de *Menino sem passado* uma proposta *outra* em que as diversas histórias locais da fronteira são cruciais ao convocamos uma memória *outra*, ao que entendemos que apenas com “uma teorização acerca da memória e narrativa posso lidar com essa herança espectral que me habita”(Medeiros, 2023, 96). Na égide do romance de Santiago, projetamos nossas memórias com a finalidade que sejam, dessa vez, destacadas, a fim de que tenham novamente a “devida consideração no sentido de concebê-las enquanto narrativas também válidas e necessárias” (Medeiros, 2023, 97).

Para, então, concluirmos o trajeto esboçado ao longo deste artigo, a última parte desta perspectiva culmina em uma memória *outra*. Desse modo, entendemos que as memórias *outras*, a exemplo as latino-americanas, são consideradas disparidades quanto à produção e conhecimento em comparação às memórias vindas dos centros de pensamento eurocêntrico, isso pela sua condição geoistórica, logo, são passíveis de um soterramento crítico e geográfico pela narrativa criada pela colonialidade/modernidade. Assim, utilizamos uma leitura *outra* atravessada pelas discussões apresentadas em *Perto do coração selvaje da crítica fronteriza* (Nolasco, 2012) e *O teorizador vira-lata* (Nolasco, 2022) para culminar em uma memória *outra* que está no crivo de resgatar as vivências daquelas memórias que apresentam as marcas geoistóricas da fronteira, em que as histórias locais sofrem de um esquecimento e desconsideração pelo projeto colonial.

Por tal óptica, então, consideramos uma noção *outra* das memórias fronteiriças, em um movimento contrário de se manterem invisíveis e marginalizadas por uma prática do projeto narrativo da colonialidade/modernidade. Nesse sentido, a fronteira-Sul, locus de onde pensamos e falamos, dá-nos liberdade para que as vivências do *biolocus* estejam de modo que prevaleçam em relação às memórias vindas dos centros epistêmicos, protagonizando as pluriversalidades e histórias locais da região fronteiriça, indo ao encontro do fragmento

expresso por Santiago em: “A realidade provinciana de Formiga é planetária” (Santiago, 2021, 66) para, neste caso, tornar a realidade provinciana fronteira, também, planetária. Portanto, entendemos que é a *partir de* Silviano que faremos um resgate das memórias *outras*, evidenciando novamente as inscrições e marcas dadas pela localidade e vida à fronteira, para dar ênfase em tal discussão trazemos o trecho do intelectual Nolasco:

as sensibilidades biográficas vividas pela experivivência das memórias fronteiriças se, por um lado, trabalham em prol de uma amnésia específica para sobreviverem às imposições de uma memória moderna impositiva, por outro lado, cultuam uma sobrevivência manifesta, mas reprimida em seu lócus geográfico cultural específico que, a qualquer momento, faz irromper outras vidas, outras memórias, outras narrativas particulares. Com isso, estou dizendo que as narrativas não nascem apenas dos esquecimentos arquivados na consciência subalterna, como também das memórias outras enterradas vivas. (Nolasco, 83)

Desse modo, em favor de avançar uma perspectiva primada pela repetição do modelo de pensamento da colonialidade/modernidade, partimos por uma epistemologia *outra* para evidenciar e resgatar as memórias fronteiriças. No que concerne a esse objetivo, entendemos que as memórias *outras* convocam as marcas biográficas da região à borda, na fronteira do pensamento abissal e produção intelectual que, por sua vez, sofrem um apagamento em detrimento da retórica criada pelo projeto colonial, em que as histórias locais e, da mesma forma, as memórias do *biolócus* estão em posição inferior às vindas dos centros do conhecimento. Temos essa percepção no fragmento descrito por Santiago: “Ando pelas ruas de Formiga e luto nos campos de batalha da Europa” (Santiago, 2021, 54). Nesse sentido, citamos o teórico Nolasco em justificativa do trato acerca das memórias vindas dos centros epistemológicos:

Essas memórias, além de não trazerem a marca da condição de fronteira inscrita em seus corpos, chegando à fronteira não fizeram outra coisa senão tomar as histórias e memórias periféricas como meros objetos, ao invés de tomá-las como produtoras de saber e de histórias vividas. Ao agirem assim, essas memórias vindas dos centros hospedaram-se em casa alheia, fazendo dela sua casa. (Nolasco, 81)

Através desse intento, retomamos as memórias *outras* amparadas por uma óptica crítico-biográfica ao que escolhemos subverter a lógica narrativa da colonialidade/modernidade. Para tal ensejo, ao lermos a *partir de Menino sem passado*, largamos mão de um pressuposto dualista, e caminhamos para uma teorização em que as relações de uma memória fronteira e suas histórias locais e inscrições do *biólócus* são preponderantes para considerarmos uma memória *outra* em nossa interpretação. Ao considerarmos isso, notamos que uma concepção *outra* está no crivo, parafraseando Santiago, do desejo de “Quero ir além” (Santiago, 2021, 98)

Nesse contexto, notamos em nossas leituras que as memórias que estão em localidades das Américas Latinas, sendo as memórias *outras*, trazem em seu cerne as evidências do *biólócus* fronteiro. Em contrapartida, as memórias expressas textualmente por Santiago emergem de maneira a endossar a narrativa de uma única memória universalizante pela colonialidade/modernidade, por isso, o autor afirma: “Sou mero comparsa - silencioso e distante - na narrativa da História universal que transcorre e é escrita no hemisfério Norte” (Santiago, 2021, 59). Em consequência, “as sensibilidades biográficas e memórias geoistóricas” (Nolasco, 2022, 82) do autor passam por um soterramento imposto pelos centros hegemônicos, como também é expresso no fragmento do romance em:

O interior provinciano da vivência-memória do menino se confunde com o exterior cosmopolita da leitura das imagens que se lhe oferecem. Em sobreposição - ou na posição inferior - vivência e imagem, memória e leitura, provincianismo e cosmopolitismo permanecem sobrecarregados de vida e de significado. (Santiago, 68)

Então, percebemos que um *Menino sem passado* está no âmbito de elaborar uma memória pela prática intelectual centrada e imposta pela colonialidade/modernidade. Logo, as memórias *outras* “sofrem de um mal de arquivo radical” (Nolasco, 2022, 82) ao que trabalham ao lado de uma noção de serem “esquecidas em prol de uma grande memória nacional” (Nolasco, 2022, 82), sendo essas, na realidade, memórias formadas de maneira regional em localidades e vivências de sujeitos que se encontram no bojo epistemológico. Assim, as

memórias *outras* surgem no sentido de avançarem a colonialidade/modernidade por uma premissa descolonial com o propósito que sejam retomadas com o protagonismo de uma discussão que engloba as pluriversalidades do *locis* à margem a *partir de* onde pensam e falam. Para balizar essa discussão, citamos o teórico Nolasco no trecho:

Apesar de não dependerem das memórias modernas, já que estas não as *salvaram* de sua condição, as memórias fronteiriças vivem em estado de infans permanente, até o momento em que uma perspectiva descolonial as reinsira na discussão histórica do presente por meio de uma epistemologia *outra*. É por isso que as histórias locais, bem como a identidade possível das memórias fronteiriças, só podem ser narradas/inventadas da perspectiva de uma epistemologia *outra* e nunca da epistemologia moderna. (Nolasco, 83)

Por meio de nossa leitura, compreendemos que as memórias em condição de fronteira trabalham ao lado de uma perspectiva *outra* em que o *biolocus* ganha destaque. Por conta disso, optamos por uma teorização que vai além da vertente epistemológica de cunho da colonialidade/modernidade, essas que fizeram parte de “apagar qualquer traço, qualquer símbolo, que teima em resistir ao tempo e representá-las ao outro” (Nolasco, 2022, 83). Entendemos, então, que a premissa para desembocar em uma memória *outra* está no crivo do resgate das marcas geoistóricas demandadas pela condição de fronteira.

Sendo assim, concebemos que uma leitura *outra* está amparada pela prática de sensibilidades erigidas e compartilhadas pelo *biolocus*, sendo essa possibilitada pelo romance de memórias *Menino sem passado*. Logo, é pelo exercício da máxima de Walter Mignolo de “aprender a desaprender para reaprender” (Mignolo, 2010) que estabelecemos a prática de convocar as memórias fronteiriças como modo a ir além do projeto universalizante da colonialidade/modernidade, à favor de salientar as histórias locais e as marcas do *biolocus* erigidas das regiões de fronteira.

### *Referências*

- Derrida, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Tradução de Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- Santiago, Silviano. *Menino sem passado: 1936-1948*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- Souza, Eneida Maria. *Pedro Nava: o risco da memória*. Juiz de Fora: FUNALFA, 2004.
- Nolasco, Edgar César. *O teorizador vira-lata*. Campinas: Pontes Editores, 2022.
- . “Crítica biográfica fronteiriça (Brasil/Paraguai/Bolívia)”. *Cadernos de Estudos Culturais: Brasil/Paraguai/Bolívia*, Campo Grande, Editora UFMS, v. 7, n. 14, p. 47 - 63, 2015.